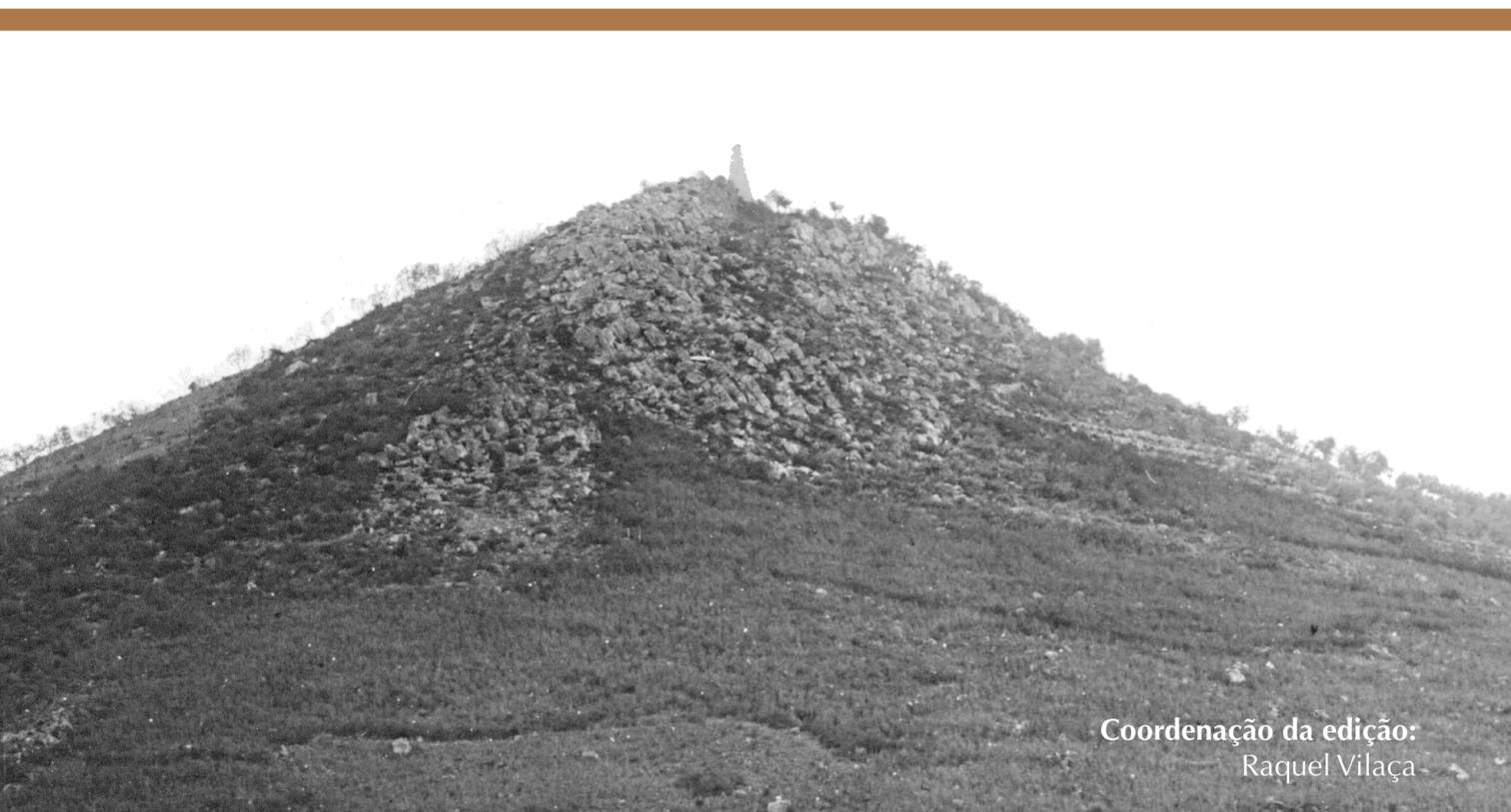


Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

# II Congresso Internacional de Arqueologia Da Região de Castelo Branco

2016



Coordenação da edição:  
Raquel Vilaça

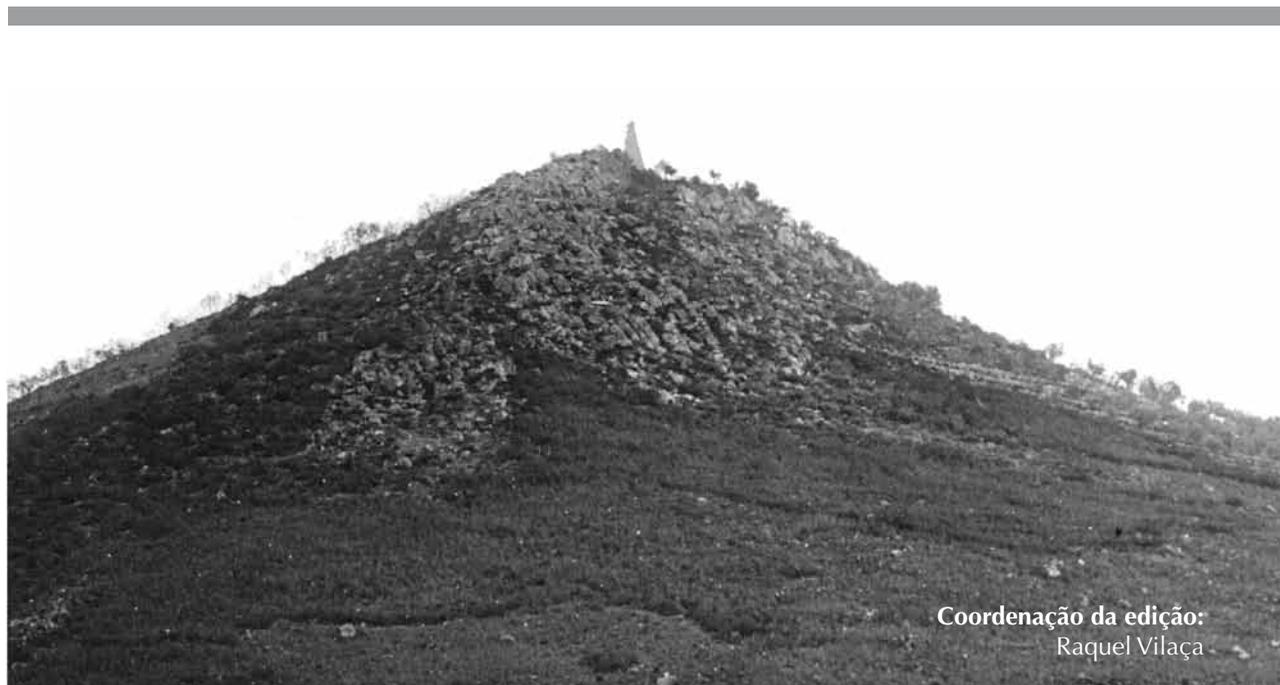


Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

# II Congresso Internacional de Arqueologia

Da Região de Castelo Branco

2016



**Título:**

II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco nos 100 anos da Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

**Propriedade:**

Câmara Municipal de Castelo Branco

**Editor:**

Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior, Castelo Branco

**Organização:**

Museu de Francisco Tavares Proença Júnior / Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior

**Coordenação da edição:**

Raquel Vilaça

**Apoios na Organização:**

Lupa – laboratório urbano pela arte; Direcção e funcionários do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior; Direcção Regional de Cultura do Centro; WorkJunior – Unipessoal, Lda.

**Colaboração:**

Váatão – Teatro de Castelo Branco; Restaurante Rural Gardunha; Instituto Politécnico de Castelo Branco; Câmara Municipal de Castelo Branco, Fundão e Idanha-a-Nova; Junta de Freguesia de Lavacolhos.

**Fotografia da capa:**

Monte de S. Martinho, por Francisco Tavares Proença Júnior. Espólio documental do Dr. António Abrunhosa

**Adaptação gráfica, impressão e acabamento:**

RVJ - Editores, Lda.

**Tiragem:**

250 exemplares

**ISBN :**

978-989-8289-71-1

**Depósito Legal:****Ano:**

2016



## **Comissão Científica**

- António Carvalho
- António Gonzalez Cordero
- António Martinho Baptista
  - Artur Corte Real
  - Carlos Fabião
- Enrique Cerrillo Martín de Cáceres
  - Fernando Real
- Francisco Sande Lemos
  - Helena Catarino
  - João Luís Cardoso
  - Jorge de Oliveira
  - José María Álvarez
  - Luís Miguel Gaspar
  - Luís Oosterbeek
    - Luís Raposo
- Mário Varela Gomes
  - Michael Mathias
  - Pedro Carvalho
- Pedro Proença e Cunha
  - Philine Kalb
- Primitiva Bueno Ramírez
- Raquel Vilaça - Presidente da Comissão Científica
  - Rodrigo de Balbín Behrmann

## **Comissão Organizadora**

- André Mota Veiga
  - Carla Silva
  - Carlos Banha
- Francisco Henriques
  - João Caninas
- Manuel Lopes Marcelo – Coordenador da Comissão Organizadora
  - Pedro Miguel Salvado
    - Sílvia Moreira

## **Secretariado**

- Cátia Mendes
- Etelvina Esteves
  - Maria Nisa
  - Vera Neves



# Índice

## A abrir

MARIA CELESTE CAPELO – Sessão de abertura do II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco.....17

MARIA ADELAIDE NETO S. F. SALVADO - A Sociedade de Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença Júnior e o reforço da investigação arqueológica.....19

RAQUEL VILAÇA - Um Congresso e um Livro: brevíssimas notas .....21

## Conferência, comunicações e ‘posters’

ANA CRISTINA MARTINS - Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) e a arqueologia em Castelo Branco na viragem para o século XX: textos, contextos e (des)venturas / *Francisco Tavares Proença Júnior (1883-1916) and archaeology in Castelo Branco at the turn of the 20th century: texts, contexts and (mis) adventures*.....25

RAQUEL VILAÇA - Rer Tavares Proença, revisitando os territórios, reavaliando os dados: da Pré à Proto-história / *Re-reading Tavares Proença, revisiting the territories and reassessing the data: from Pre to Protohistory*.....61

ANA M<sup>a</sup> MARTÍN BRAVO - El discurrir de la Edad del Hierro en el territorio hispano-luso entre Gredos y el Tajo / *The Iron Age in the Spanish-Portuguese territory between Gredos and Tajo* .....79

MARCOS OSÓRIO - Fortificações, territórios e dinâmicas transfronteiriças no Alto Côa / *Forts, territories and boundary dynamics in the Alto Côa region* .....93

JUAN VILLARROEL ESCALANTE - La raya hispano-portuguesa y sus caminos en las tierras de Alcántara / *The Spanish-Portuguese border in the territory of Alcántara* .....113

## Pré e Proto-História da Beira e Relações Peninsulares

EDUARDO PAIXÃO, JOÃO CANINAS, EMANUEL CARVALHO, OLÍVIA FIGUEIREDO, FRANCISCO HENRIQUES, DANIELA MAIO, CÁTIA MENDES, DAVID NORA, ANDRÉ PEREIRA, LUÍS RAPOSO, TELMO PEREIRA – A jazida mustierense de Cobrinhos, Vila Velha de Ródão (Portugal) / *The Mousterian site of Cobrinhos, Vila Velha de Ródão (Portugal)* .....135

JÚLIO M. PEREIRA, JOANA LOURENÇO – As rochas gravadas do Pereiro (Sobral de São Miguel - Covilhã). Notícia preliminar / *The engraved rocks from Pereiro (Sobral de São Miguel – Covilhã). Preliminary information* .....151

JOÃO CANINAS, HUGO PIRES, FRANCISCO HENRIQUES - Aplicação do Modelo de Resíduo Morfológico no registo de gravuras rupestres no Centro de Portugal / <i>Recording engravings in Central Portugal using the Morphological Residual Model</i> .....	165
CARLO BOTTAINI, RAQUEL VILAÇA, IGNACIO MONTERO RUIZ - Metalurgia arcaica no concelho do Fundão (Beira Interior, Portugal). Uma abordagem analítica. / <i>Ancient metallurgy from the county of Fundão (Beira Interior, Portugal). An analytical approach</i> .....	179
PAULO PERNADAS, MARCOS OSÓRIO, RAQUEL VILAÇA – Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal) / <i>Cogotas I pottery type from Vilar Maior (Sabugal, Portugal)</i> .....	189
DIANA FERNANDES - O Castro do Cabeço da Argemela (Lavacolhos, Fundão). Uma abordagem à realidade material e o contributo para o seu enquadramento cultural e regional / <i>Cabeço of Argemela (Lavacolhos, Fundão). One approach to material reality and a contribution to its social cultural background</i> .....	201
<b>Paisagem Romano-Medieval: do rural ao urbano</b>	
JOÃO MENDES ROSA, JOANA BIZARRO - O <i>Vicus</i> romano da encosta meridional da Serra da Gardunha na tradição historiográfica e na Arqueologia / <i>The Roman vicus of the Southern slope of Gardunha in Archaeology and in the historiographical tradition</i> .....	219
EDGAR FERNANDES, MARIANA ALMEIDA - Cerâmicas finas romanas da área do Monte de São Martinho (Castelo Branco, Portugal) em depósito no Museu Francisco Tavares Proença Júnior / <i>Roman fine wares from the São Martinho's Hill área (Castelo Branco) stored in the Francisco Tavares Proença Júnior Museum</i> .....	233
PEDRO MIGUEL SALVADO – “Letreiros de romanos q se achão na v.a de Castel Branco”. Epigrafia e história fundacional albicastrense. As presenças e as ausências. / “ <i>Letreiros de romanos q se achão na v.a de Castel Branco</i> ”. <i>Epigraphy and Albicastrense founding story. Presences and absences</i> .....	265
MANUEL LEITÃO – Síntese sobre a evolução dos estudos epigráficos no concelho de Castelo Branco / <i>Overview of the evolution of epigraphic studies in the county of Castelo Branco</i> .....	283
DANIELA FREITAS FERREIRA - O contributo da epigrafia votiva para o entendimento das manifestações religiosas no contexto de ocupação romana da Beira Interior portuguesa / <i>Indigenous and Romans in the Portuguese territory-influences and changes in religious practices</i> .....	289
FRANCISCO HENRIQUES, JOÃO CANINAS, CARLOS NETO CARVALHO, MÁRIO CHAMBINO - Exploração aurífera antiga no rio Ponsul (Castelo Branco): novos dados / <i>Ancient Gold mining at the Ponsul River (Castelo Branco): new data</i> .....	307
CONSTANÇA GUIMARÃES SANTOS, ELISA ALBUQUERQUE - Paisagem, Tempo e Arqueologia: o caso da Capela de São Pedro da Capinha / <i>Landscape, Time and Archaeology: the case of St. Peter's Chapel in Capinha</i> .....	325

## **Beira Interior: o quotidiano da guerra e paz**

FERNANDO HENRIQUES, CÉZER SANTOS - Levantamento Arqueológico e Patrimonial da Freguesia da Bemposta (Penamacor) / *Mapping and Heritage Survey of the Parish of Bemposta (Penamacor)* .....341

CÉZER SANTOS, FERNANDO HENRIQUES - Sondagens Arqueológicas no Largo do “Castelo” de Bemposta / *Archaeological surface surveys in the geographical area of the “Castle” in Bemposta* .....353

ROSA SALVADOR MATEOS, JOSÉ ANTÓNIO PEREIRA – Resultados dos Trabalhos Arqueológicos realizados no Castelo de Castelo Branco (2008-2009) / *Results of Archaeological work carried out in Castelo Branco Castle (2008-2009)* .....367

CARLOS BOAVIDA - Objectos de uso pessoal medievais e modernos no castelo de Castelo Branco / *Objects of medieval and modern personal use in Castelo Branco Castle* .....391

ANDRÉ MOTA VEIGA, ANDRÉ OLIVEIRINHA, PEDRO MIGUEL SALVADO – O Cabeço da Forca, Castelo Novo, Fundão. Uma nova interpretação / *The Hanging Hill in Castelo Novo. A new functional interpretation* .....407

JOSÉ PAULO FRANCISCO, TIAGO GIL - O projecto de investigação do Castelo de Monforte de Ribacôa como âncora de um amplo programa de Arqueologia Comunitária no Vale do Côa / *The Monforte de Ribacôa Castle Reserch Project-part of a wider community archaeology project in the Côa Valley* .....413

## **Arqueologia, Museus e Centros de Interpretação**

MÁRIO MONTEIRO BENJAMIM - Da interpretação do lugar ao projeto: uma proposta para o Complexo Rupestre do Vale do Tejo / *From interpretation of the Site to the Project: a proposal for the Rock Art of the Tagus Valley* .....429

SÍLVIA MOREIRA, JOSÉ LEITE – Re(vi)ver as Muralhas. Conservação e Restauro da 2ª Cintura de Muralhas de Castelo Branco / *See & live the Walls. Conservation and Restoration of the 2nd belt of walls in Castelo Branco* .....437

FRANCISCO HENRIQUES, JOÃO CANINAS, MÁRIO MONTEIRO, PAULO FÉLIX, ANDRÉ PEREIRA, CÁTIA MENDES, EMANUEL CARVALHO – Arqueologia de Proença-a-Nova: estado dos conhecimentos / *Archaeology of Proença-a-Nova: state of the art* .....447

CARLOS BANHA – A arqueologia na Beira Interior (distritos de Castelo Branco e da Guarda): perspectiva da evolução da actividade arqueológica nas duas últimas décadas / *Archaeology in Beira Interior (Castelo Branco and Guarda districts): perspective of the evolution of archaeological activity in the last two decades* .....475

## **A encerrar**

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO – Palavras de encerramento. Da Arqueologia como identidade na região de Castelo Branco .....	489
ANTÓNIO PIRES NUNES - Discurso laudatório da homenagem ao Professor Doutor Jorge Alarcão .....	491
BENEDICTA DUQUE VIEIRA – Em louvor de José d'Encarnação .....	497
TERESA FRADE MAGALHÃES – Em louvor da minha irmã .....	501
MARIA CELESTE CAPELO, JORGE DE ALARCÃO, ANA MARGARIDA ARRUDA, ARTUR CÔRTE-REAL, JOSÉ D'ENCARNAÇÃO, JOSÉ LUÍS MADEIRA, CLARA PORTAS, TRINIDAD NOGALES BASSARRATE, JORGE DE OLIVEIRA, PAULO CÉSAR SANTOS, MARIA HELENA SIMÕES- Helena Frade. Homenagem da Sociedade dos Amigos do Museu de Francisco Tavares Proença JR. ....	503

# Cerâmicas de tipo Cogotas I de Vilar Maior (Sabugal, Portugal)

## Cogotas I pottery type from Vilar Maior (Sabugal, Portugal)

Paulo Pernadas (ppernadas@gmail.com) Município do Sabugal

Marcos Osório (arkmarcos@hotmail.com)  
Município do Sabugal. Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

Raquel Vilaça (rvilaca@fl.uc.pt)  
Instituto de Arqueologia. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património

**Resumo:** Estudam-se algumas cerâmicas de Vilar Maior datáveis da Idade do Bronze, cujo estilo e decoração as remete para o mundo meseteno de Cogotas I. Sublinha-se a sua importância, pela quantidade a nível regional e, sobretudo, diversidade de motivos e técnicas decorativas, o que torna Vilar Maior um dos sítios mais ocidentais vinculado àquele mundo estilístico. Atende-se ainda às circunstâncias do seu achado, no âmbito dos trabalhos de acompanhamento arqueológico realizados na povoação.

**Palavras-chave:** Vilar Maior; Idade do Bronze; Cerâmica de tipo Cogotas I.

**Abstract:** It is intended to show some ceramic findings dating from the Bronze Age, whose style and decoration refers them to the world of Cogotas I. In these paper is revealed the importance of these evidences by the quantity and, above all, diversity of motifs and decorative techniques, which make Vilar Maior one of the most western settlements linked to that stylistic world. It will also deal with the circumstances of their discovery during archaeological works carried out in the village.

**Keywords:** Vilar Maior; Bronze Age; Ceramic of Cogotas I.

### 1. Introdução

Diversas descobertas ocasionais ocorridas ao longo do século XX apontavam para uma possível

ocupação proto-histórica do relevo sobranceiro à povoação de Vilar Maior. A realização, na última década, de um conjunto alargado de obras públicas possibilitou-nos a obtenção de outros dados sobre as comunidades que habitaram o local nesses tempos mais recuados, consolidando a ideia de uma efectiva ocupação do espaço desde o II milénio a.C. e ao longo do milénio seguinte.

A malha urbana da povoação medieval e moderna e os trabalhos da antiga rede subterrânea de abastecimento de águas tinham danificado, todavia, grande parte destes testemunhos. Entre o vasto espólio recolhido nos últimos trabalhos, destacam-se fragmentos cerâmicos decorados que, pelas suas características, remontam à Idade do Bronze, mais concretamente ao mundo estilístico de Cogotas I.

Este trabalho tem como objectivo principal dar a conhecer esses materiais, caracterizando-os morfológica e estilisticamente e inserindo-os nos respectivos contextos de achado. Ao mesmo tempo, procura-se articulá-los com outros testemunhos coevos também provenientes de Vilar Maior, no sentido de se tentar compreender melhor a natureza da ocupação deste sítio arqueológico. Mas o potencial informativo que proporcionam exigirá um posterior aprofundamento do seu estudo e características, cuja análise não é compatível nem com a natureza nem com o espaço disponibilizado para este texto decorrente de poster que apresentámos no *II Congresso Internacional de Arqueologia da Região de Castelo Branco*, realizado nesta cidade entre 10 e 12 de Abril de 2015.

## 2. Enquadramento administrativo e geográfico

A aldeia de Vilar Maior situa-se na vasta região da bacia hidrográfica do Alto Côa, concretamente no limite nordeste do concelho do Sabugal, a cerca de 23 km da sede concelhia, confinando com o concelho de Almeida, a norte, e com a fronteira espanhola, a 7 km para leste (Fig. 1).



**Fig. 1** – Localização de Vilar Maior, Sabugal, na região centro-interior do território português.

A povoação ocupa a vertente meridional de um elevado cabeço, com cerca de 792 m de altitude, que se desenvolve de sudeste para noroeste. O cume do relevo, onde foi erguido o castelo, possui um amplo domínio visual na paisagem de norte a oeste. Tem como coordenadas geográficas 40°28'35.09" Norte / 6°56'25.35" Oeste.

Os terrenos, tanto na encosta como no topo, en-

contram-se cobertos por vegetação rasteira sendo os solos de substrato granítico. O relevo integra-se numa área de granito de grão médio/fino, não porfiróide. A oriente, já no vale do rio, aqui denominado Cesarão, observam-se alguns penedos de granito amontoados que dão, à distância, um aspecto de “desarrumação” (Gonçalves e Assunção 1966: 13-15). Antes de desaguar no Côa, o rio junta-se à ribeira de Alfaiates, a cerca de 800 m para sudoeste de Vilar Maior, constituindo um dos mais importantes afluentes na bacia do Alto Côa (Marques 1936: 409-410).

O domínio que o relevo tem sobre a paisagem envolvente, a riqueza hidrográfica e o controlo directo do rio constituíram, decerto, um incentivo à ocupação deste local durante a Pré e a história, local igualmente privilegiado por se inscrever numa região estratégica associada a recursos estaníferos, críticos no contexto sócio-económico da época.

## 3. Dos achados ocasionais à confirmação da presença pré e proto-histórica

Como referimos, a ocupação humana mais recuada do morro de Vilar Maior foi-se manifestando, gradualmente, a partir de meados do século XX, à medida que diversos achados avulsos iam sendo descobertos.

A primeira referência deve-se a Joaquim Manuel Correia, que dá notícia do aparecimento de machados de pedra polida na aldeia, um dos quais pertence hoje ao acervo do Museu Nacional de Arqueologia, bem como da existência de algumas cavidades nos penedos próximos, as quais atestariam possível vivência humana na Pré-história (Correia 1946: 294).

Mas foi só em 1957 que se confirmou a inegável importância do sítio com a descoberta, casual, na encosta poente do castelo, de uma espada de lâmina pistiliforme em bronze, juntamente com cerâmica e escória (Nunes e Rodrigues 1957: 279-285; Rodrigues 1961: 3-13). Recentemente, foi revalorizada numa perspectiva tipológica em obra sobre as espadas do Bronze Final da Península Ibérica (Brandherm 2007: 39-40). Pelo estado de conservação

e simbologia do artefacto, exposto no Museu da Guarda, constitui um dos mais importantes achados metálicos do Bronze Final do território português (Coffyn 1985; Vilaça 1995: 333-334; 2008: 45). Admitiu-se então que a singularidade da descoberta revelaria, apesar da falta de outras evidências materiais consistentes e conhecidas<sup>1</sup>, a existência de uma provável ocupação humana antiga no topo do relevo (Vilaça 1995: 86 e 396).

Mais tarde, em 1997<sup>2</sup>, um de nós (Osório 1997) realizou escavações nos antigos Paços do Concelho (actual edifício do museu de Vilar Maior), na vertente meridional do relevo, onde foram detectados, no nível assente sobre o substrato rochoso, diversas cerâmicas de fabrico manual, lisas e grosseiras, e um outro conjunto feito a torno, com pastas finas e claras, que atestavam ocupação do local durante o I milénio a.C. (Osório 2005: 37; Vilaça 2008: 45). A descoberta destes estratos preservados foi muito importante porque permitiu concluir que esse assentamento não se restringia somente ao topo do relevo, mas estendia-se para a encosta meridional.

Nos anos que se seguiram foram sendo descobertos outros vestígios avulsos na aldeia, como mós de vaivém, uma conta de colar vítrea azulada e pequenos machados votivos de silimanite, que continuavam a denunciar a efectiva ocupação do lugar (Osório 2005: 37).

Em 2004 verificou-se uma outra descoberta, totalmente insuspeita pela sua natureza. Após a remoção de um muro de suporte de terras durante a reabilitação do espaço nas traseiras do museu foi identificado um painel de gravuras no afloramento granítico com um repertório figurativo dominado por figura subquadrangular reticulada, à volta da qual se dispõem outros motivos atribuídos ao Bronze Médio: várias linhas meandriiformes, uma figuração semelhante a uma suástica, um par de cascos de ungulados, covinhas e figuras de carácter geométrico (Santos 2008: 20; 2011: 19). Uma vez mais,

<sup>1</sup> Desconhece-se o paradeiro dos restantes materiais encontrados associados.

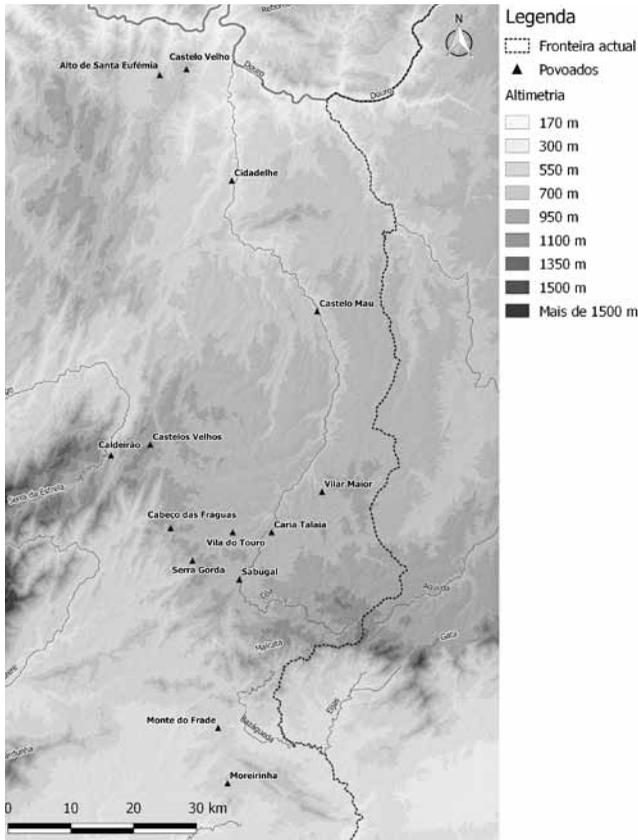
<sup>2</sup> Estes trabalhos e os dos anos seguintes enquadram-se na atividade de salvaguarda do Gabinete de Arqueologia do Município do Sabugal.

esta descoberta indiciava a importância arqueológica da encosta meridional do relevo, associando-se, conseqüentemente, aos vestígios anteriormente recolhidos, alargando o espectro interpretativo da natureza da ocupação do sítio, que não se confina a materiais arqueológicos.

Entre 2007 e 2009 desenvolveram-se trabalhos de saneamento básico, eletricidade e telefone nos arruamentos do aglomerado, que proporcionaram novos vestígios e ajudaram a definir a área de dispersão dos achados. Nos anos seguintes, de 2011 a 2014, realizou-se a última intervenção arqueológica com o projeto de iluminação cénica e criação de um percurso de visita ao castelo. Tais trabalhos, desenvolvidos tanto no interior como no exterior da fortificação, confirmaram em pleno que a ocupação proto-histórica se estendia para o cume do relevo, mas também demonstraram que a edificação do castelo e das estruturas militares e habitacionais associadas terão apagado grande parte dos testemunhos do povoado inicial.

Destes dois longos projectos, de 2007 a 2014, resultou um vasto espólio datável da Idade do Bronze e da Idade do Ferro, incluindo as suas etapas mais tardias, como revela a presença de cerâmica estampilhada e de outros conjuntos de fabrico a torno, de pastas finas e claras, para além de pequeno fragmento de um possível “queimador” que, a confirmar-se, reforçaria a importância do lugar.

De todo o acervo destaca-se um interessante lote de fragmentos cerâmicos inseríveis no mundo estilístico de Cogotas I, que analisamos neste trabalho, começando pela sua contextualização local. A opção entre selecionarmos este pequeno conjunto e divulgá-lo neste momento entre a comunidade científica, ou remetê-lo para estudo conjunto com os demais testemunhos a que se associava, o que metodologicamente seria correcto mas que retardaria a divulgação de todo o processo de estudo, levou-nos a optar pela primeira hipótese. Por outro lado, a sua contextualização regional no quadro da Beira Interior (Fig. 2) merecerá ainda, se bem que brevemente, a nossa atenção.

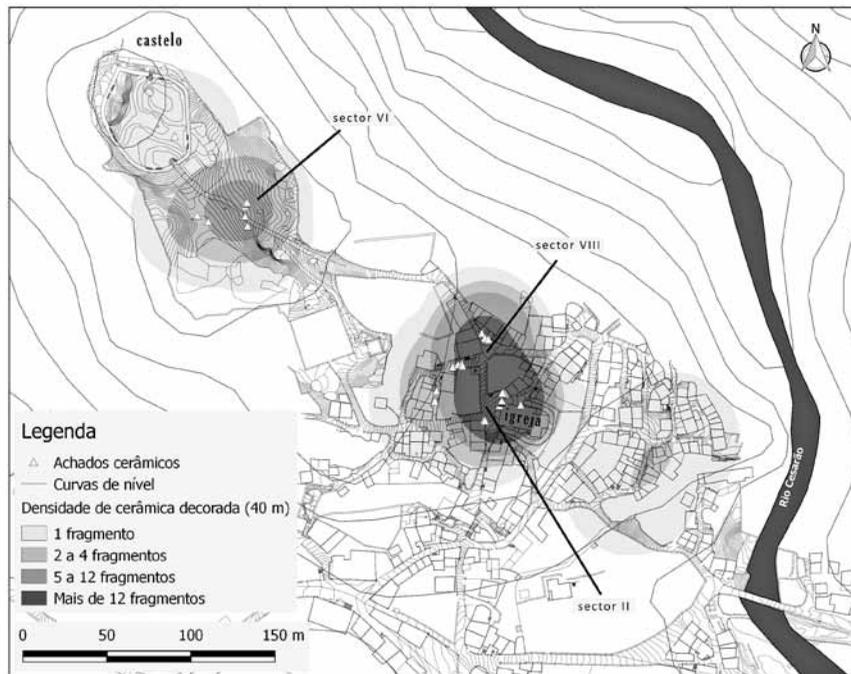


**Fig. 2** – Distribuição de achados de cerâmicas de tipo Cogotas I e Proto-Cogotas na Beira Interior.

#### 4. Contextos e trabalhos desenvolvidos

A minimização do impacto das obras referidas conduziram à realização de um vasto conjunto de trabalhos de escavação e acompanhamento arqueológico tendo sido definidos oito sectores para abertura de sondagens preliminares<sup>3</sup>. Destacam-se, pelos materiais proto-históricos existentes em níveis estratigráficos conservados, o Largo da Igreja de S. Pedro (sector II), a área interior e exterior do castelo (sector VI) e a Rua do Castelo (sector VIII) (Fig. 3). Os restantes sectores, apesar de também terem revelado diversos fragmentos cerâmicos deste período, proporcionaram níveis estratigráficos alterados pelos trabalhos da antiga rede subterrânea de abastecimento de água, ou seja, encontravam-se descontextualizados.

As cerâmicas cujo estilo é possível vincular ao mundo de Cogotas I recolhidas nestes sectores destacam-se pela qualidade e variedade decorativa. Do conjunto de 65 fragmentos recolhidos, 34 são do sector II, 13 do sector VIII, 9 do sector VI e outros 9 do acompanhamento arqueológico.



**Fig. 3** – Localização dos sectores das intervenções arqueológicas realizadas em Vilar Maior e das manchas de densidade de achados de cerâmica decorada de tipo Cogotas I.

<sup>3</sup> Locais escolhidos pelo potencial arqueológico que poderiam proporcionar em função dos monumentos existentes e do espaço em si.

#### 4.1. Sector II

Neste sector, correspondente ao adro da Igreja matriz de S. Pedro, foram realizadas 10 sondagens de diagnóstico, num total de 48 m<sup>2</sup>. Naturalmente que algumas revelaram enterramentos, cuja existência já suspeitávamos, pela natureza do espaço e pelas lápides funerárias existentes no pavimento à entrada do templo. A estratigrafia revelou-se bastante alterada e foi apenas na sondagem 10, na periferia do adro, que se obtiveram indicadores seguros do potencial arqueológico da ocupação proto-histórica. Além das cerâmicas, contam-se duas fíbulas de bronze, uma de tipo Ponte 33b, com cronologia de finais do séc. VI ao séc. III a. C. também vinculada à região da Meseta, e a outra, mais tardia, pertencente ao grupo

das fíbulas discoidais romanas (Ponte 2014: 13-15).

A distribuição dos fragmentos cerâmicos de tipo Cogotas I, num total de trinta e quatro exemplares, é bastante heterogênea pelas sondagens e níveis estratigráficos, estando ausentes nas sondagens 5 e 6. Nas sondagens 1, 3 e 7 (Fig. 4 - 1 a 3) e 9 encontraram-se em níveis superficiais; na sondagem 4 os três fragmentos apareceram em níveis iniciais remexidos, muito alterados devido aos enterramentos (Fig. 4 - 6 e 7); na sondagem 8, os dois únicos fragmentos estavam em níveis profundos e selados (Fig. 4 - 4 e 5). Por fim, as sondagens 2 e 10 proporcionaram o maior número de fragmentos cerâmicos, com doze (Fig. 4 - 8 a 10) e treze exemplares respectivamente (Fig. 4 - 11 a 18).

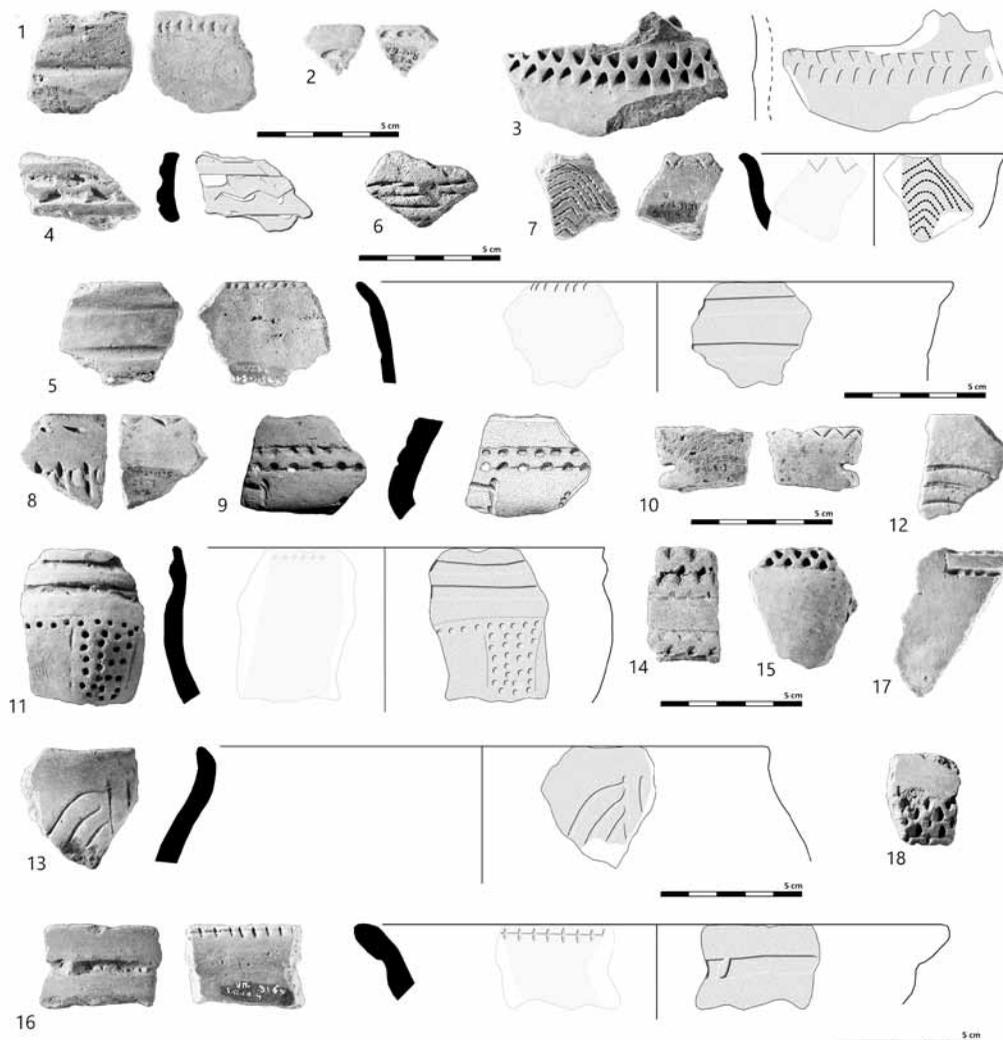
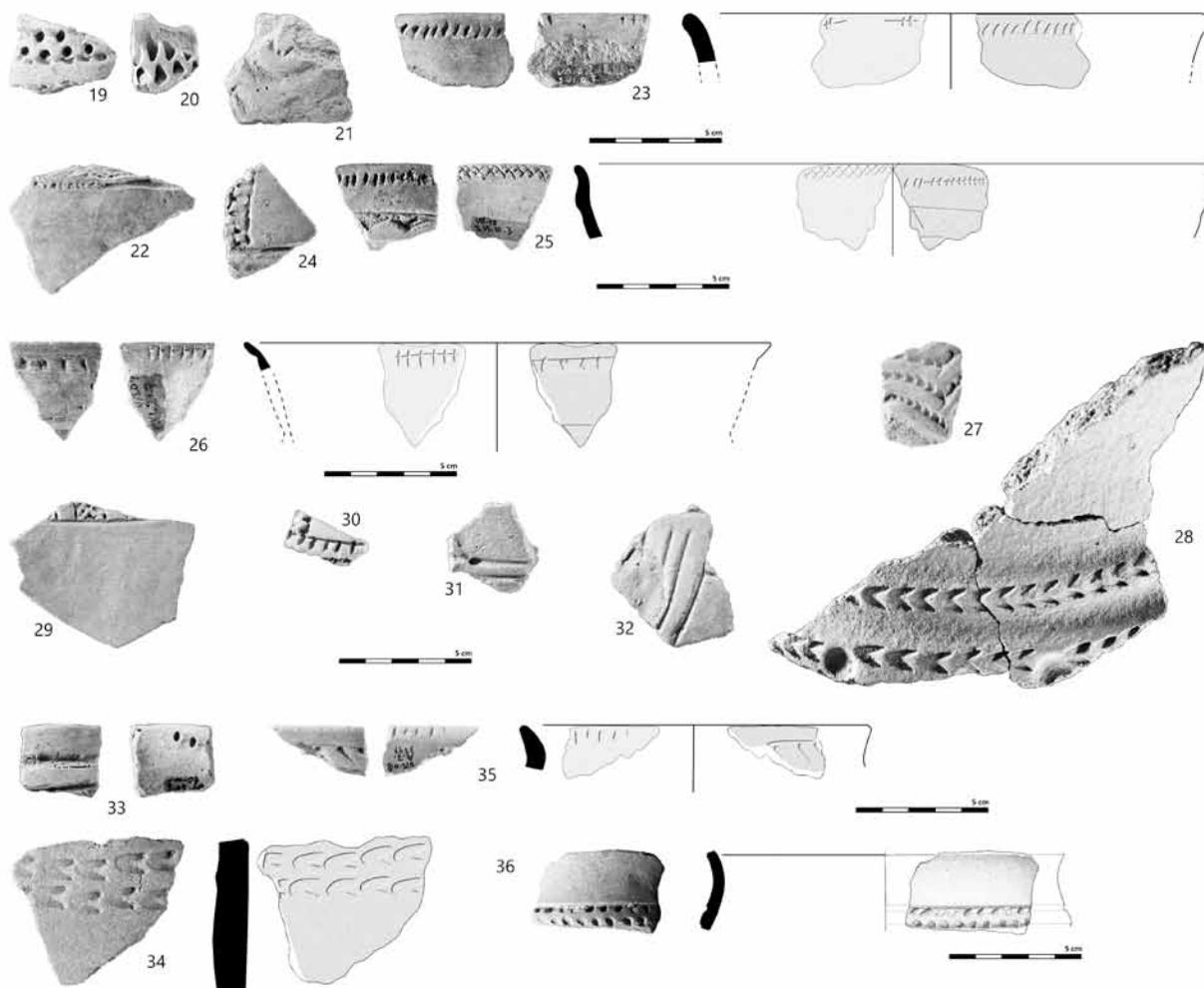


Fig. 4 – Materiais cerâmicos provenientes do sector II de Vilar Maior.



*Fig. 5 - Materiais cerâmicos provenientes dos sectores VI, VIII e do acompanhamento arqueológico.*

#### 4.2. Sector VI

Neste sector da zona do castelo decorreram trabalhos arqueológicos em duas fases distintas.

Inicialmente, as sondagens incidiram na área exterior da fortificação, tendo proporcionado materiais proto-históricos abundantes, mas apenas foi recolhido um fragmento de tipo Cogotas I na sondagem 2 (Fig. 5 - 19). Posteriormente, o projecto de requalificação do castelo obrigou à ampliação dos trabalhos arqueológicos, os quais se materializaram em 29 sondagens (15 no exterior e 14 no interior), num total de 480 m<sup>2</sup>.

Na área exterior, os testemunhos mais evidentes da ocupação proto-histórica cingiram-se às bolsas de terra escura. Dos oito fragmentos cerâmicos de tipo Cogotas I aí recolhidos, três apareceram na sondagem

11, dois em níveis estratigráficos remexidos (Fig. 5 - 20 e 21) e o outro num estrato selado (Fig. 5 - 22). As restantes sondagens (8, 10, 12 e 21) proporcionaram um fragmento cada, em níveis superficiais ou em estratos remexidos (Fig. 5 - 23 a 26).

Digna de registo é igualmente a identificação num pequeno afloramento granítico desta zona, de uma outra gravura rupestre, bastante enigmática, que pela sua natureza esquemática foi datada da Idade do Bronze Médio/Bronze Final (Osório e Pernadas 2011: 31).

No interior do castelo, apesar dos vestígios proto-históricos serem menos significativos, é de assinalar a recolha de duas fíbulas, uma de tipo Ponte 33 (sondagem 16) e a outra de tipo Ponte 24b/2 (Ponte 2014: 11 e 13). Esta última foi encontrada no interior do compar-

timento 2 do edifício quinhentista posto a descoberto no recinto da fortificação, onde foi detectada uma bolsa preservada de vestígios proto-históricos, maioritariamente cerâmicos, logo abaixo dos níveis ocupacionais modernos. Todavia, apenas na sondagem 23 apareceu um fragmento de tipo Cogotas I (Fig. 5 - 27).

Os trabalhos permitiram concluir que a construção do castelo, da barbacã e dos edifícios no interior do pátio de armas terão praticamente destruído os níveis de ocupação recuados ao II milénio a.C., enquanto no largo defronte da fortificação, os testemunhos ocupacionais desse período preservaram-se melhor.

### 4.3. Sector VIII

O último dos sectores onde foram recolhidos bastantes materiais cerâmicos proto-históricos situa-se na Rua do Castelo, poucos metros para norte do sector II. Durante os trabalhos de acompanhamento da abertura da vala revelou-se uma bolsa de terra muito escura, com grande concentração de recipientes partidos, o que levou à marcação de nova sondagem.

A pouca profundidade identificaram-se níveis estratigráficos de terra escura, com alguns núcleos de argamassa e bastantes materiais cerâmicos, para além de um cossoiro e de um grauvaque de faces polidas. Infelizmente, a falta de espaço entre a vala e a moradia impediu o alargamento da sondagem, num dos locais mais promissores pelo estado de conservação da estratigrafia original.

Deste contexto resultou um conjunto de catorze fragmentos de tipo Cogotas I distribuídos por diferentes níveis estratigráficos: nas unidades mais superficiais (u.e. 2 e 3) recolheram-se seis fragmentos (Fig. 5 - 32); dois outros são da u.e. 4 (Fig. 5 - 31); um outro é da u.e. 9 (Fig. 5 - 30); e cinco exemplares são provenientes do nível mais profundo (u.e. 13) (Fig. 5 - 28 e 29).

Tal como no sector II, também aqui os anteriores trabalhos de infraestruturas subterrâneas danificaram os testemunhos da presença proto-histórica neste sector.

### 4.4. Acompanhamento arqueológico

Concluídos os trabalhos de abertura das sondagens

prévias aos projectos, foi ainda realizado o acompanhamento arqueológico das três fases da obra nos arruamentos, onde resultou a criação de 25 secções<sup>4</sup> durante as três fases do acompanhamento dos arruamentos.

As secções 9 (Rua das Lajes) e 10 (Rua da Mundanha), localizadas na parte leste da povoação, forneceram materiais cerâmicos de tipo Cogotas I (Fig. 5 - 33), entre outros, encontrados em pequenas bolsas de terra escura, bem preservadas, assentes directamente no substrato rochoso. Nas valas abertas em outros arruamentos próximos do sector VIII, como por exemplo na Rua do Castelo, foi recolhido mais um fragmento (Fig. 5 - 34) e outros doze exemplares são da Travessa do Castelo (Fig. 5 - 35 e 36).

### 5. As cerâmicas

É notável, pela quantidade e diversidade, o conjunto de fragmentos cerâmicos lisos e decorados da ocupação proto-histórica de Vilar Maior. Em parte, formas, técnicas e motivos decorativos testemunham uma estreita vinculação ao estilo ceramológico do mundo meseteno de Cogotas I.

Do total de 2455 fragmentos cerâmicos, 65 apresentam decoração e desse conjunto foi selecionada uma parte significativa, 36 exemplares, que ilustramos e comentamos seguidamente.

São diversos os tipos de fabrico, em geral de boa qualidade, com predomínio de pastas medianas, com superfícies alisadas. Mais excepcionalmente, mas ainda assim com presença significativa, encontram-se produções que revelam fabricos mais cuidados, de pastas finas e depuradas (Fig. 4 - 3, 8, 13 e 17 e Fig. 5 - 24, 26 e 36) e superfícies polidas e brunidas (Fig. 4 - 4, 13 e 16 e Fig. 5 - 22, 23 e 26). Algumas pastas revelam ainda elevada percentagem de partículas micáceas (Fig. 4 - 5; Fig. 5 - 28).

Quanto à morfologia, a informação é escassa atendendo à presença de uma esmagadora maioria de bôjos, quase sempre de pequena dimensão, contando-se apenas quinze bordos. Estão ausentes os fundos e os elementos de prensão.

<sup>4</sup> As secções foram definidas nos locais que revelaram níveis estratigráficos preservados ou vestígios arqueológicos de destaque, durante o acompanhamento da abertura das valas.

Predominam as formas abertas, com particular ênfase para as taças e tigelas, às vezes com pequeno estrangulamento no bordo, de paredes direitas ou convexas, inclusive globulares (Fig. 4 - 7 e 14). Formas de tendência tronco-cônica associadas a bordos esvaçados de lábios convexos ou apontados estão igualmente presentes (Fig. 5 - 26). Este conjunto pauta-se, excluindo um caso onde ela é bastante suave (Fig. 4 - 9), pela ausência de formas carenadas, as quais se articulam com a decoração de sulcos brunidos, que não é alvo deste estudo. Os diâmetros dos bordos oscilam entre 9 e 21 cm, correspondendo a formas de pequena e média dimensão. Mas há exceções. Alguns casos, pelo tipo de pasta e espessura das paredes, que pode atingir 1,1 cm e 1,7 cm, e ainda que não se lhe conheçam as formas, corresponderiam a grandes recipientes (Fig. 5 - 28, 34).

Conforme referido, o critério de selecção da amostragem em análise baseou-se na presença de decoração. Em vinte e quatro exemplares esta ocorre exclusivamente na superfície exterior e em doze casos manifesta-se em ambas as superfícies.

Encontram-se incisões de distinta profundidade (Fig. 4 - 12, 13; Fig. 5 - 25, 32); caneluras (Fig. 4 - 1, 5; Fig. 5 - 31), algumas largas (Fig. 4 - 5); decoração plástica à base de suaves cordões (Fig. 5 - 28); impressões com matriz de ponta fendida (Fig. 5 - 28, 34) e múltipla (Fig. 4 - 3, 15); puncionamentos simples (Fig. 4 - 11, 18; 5 - 19, 20); arrastados, incluindo boquique, também conhecido como “punto en raya” (Fig. 4 - 2, 5, 6, 17; Fig. 5 - 26, 27); excisões em norma irregulares (Fig. 4 - 4, 11, 16; Fig. 5 - 21, 25, 33); incrustações de pasta branca (Fig. 4 - 4, 9, 14, 17; Fig. 5 - 36), ou apenas ténues vestígios da sua existência (Fig. 4 - 7; Fig. 5 - 22, 23, entre outros).

É frequente a combinação de distintas técnicas num mesmo fragmento, nomeadamente o recurso a linhas incisivas que delimitam espaços decorados com outras técnicas (Fig. 4 - 11; Fig. 5 - 25, 29), puncionamentos e caneluras (Fig. 4 - 5), incisões e excisões (Fig. 5 - 25), puncionamentos, impressões (dedadas) e cordões plásticos (Fig. 5 - 28).

Pela sua sofisticação técnica, pelo forte impacto

visual que provocariam e pelo seu significado cultural, as decorações com pasta branca assumem particular interesse. A especificidade técnica deste tipo de decoração implicaria a prévia preparação do suporte que acomodasse com eficácia a aplicação e fixação da pasta branca. Verificou-se o recurso a três soluções distintas que passaram pela realização de excisões, de puncionamentos e de caneluras. Por outro lado, é notório que, originalmente, seria superior o número de casos decorados com esta técnica, ou que o/a oleiro/a tinha pensado vir a decorar, na medida em que alguns motivos com excisões e caneluras revelam superfícies intencionalmente irregulares, raspadas e não alisadas (Fig. 4 - 11, 16; Fig. 5 - 21, 33), as quais facilitariam desse modo melhor aderência da pasta. Ou seja, é manifesto que em certos casos a realização de excisões não foi um fim em si mas, tão-só, um passo intermédio no processo de decoração da cerâmica.

Quanto à pasta branca, não é ainda conhecida a natureza do componente-base utilizado na sua preparação, colocando-se como hipóteses, face ao que se tem publicado sobre o assunto, englobando cerâmicas de cronologia diversa e de distintas regiões peninsulares e europeias (Constantin 2003), a utilização de carbonatos de cálcio, de osso calcinado e pulverizado, com hidroxiapatito (principal tecido duro do osso), ou ainda o uso de talco. Esta diversidade poderia expressar, inclusive, uma selecção com significado regional, no caso de contextos relativos ao 3º milénio a.C. (Odrizola et al. 2012: 144). As três hipóteses (outras?) estão em aberto, embora as duas primeiras nos devam merecer especial atenção (o uso de talco foi apenas identificado na Galiza) na medida em que encontram base empírica nas regiões mais próximas, como a Meseta e a Extremadura, e em conjuntos da Idade do Bronze, caso, por exemplo, de El Pelambre (Léon) (Martín Gil e Martín Gil 2009: 193-195).

Tal como as técnicas decorativas, são igualmente muito diversos os motivos que decoram as cerâmicas, os quais podem ocorrer em associação, seja porque se encontram em ambas as superfícies dos recipientes, seja porque se combinam entre si, chegando a configurar esboços de métopas (Fig. 4 - 11).

Entre eles contam-se os puncionamentos circulares e subcirculares, simples e arrastados (Fig. 4 - 9, 11, 18; Fig. 5 - 19, 33, 36), podendo expressar-se num caso através de pontilhado (Fig. 4 - 7). Motivos circulares foram também impressos com dedadas singulares que alternam com puncionamentos de matriz dupla formando “Vs” sobre relevo em cordão (Fig. 5 - 28). Uma das particularidades do conjunto em análise é o recurso a este tipo de matriz, que deixou a sua marca em outros exemplares como é o da Fig. 5 - 34. Embora em reduzido número, vislumbra-se a presença de motivos circulares e em grinalda executados por raspagem (Fig. 5 - 21) e por puncionamento arrastado de tipo boquique (Fig. 5 - 27). A decoração excisa pode apresentar motivos triangulares sequenciais rematados por linha incisa bem vincada (Fig. 5 - 25). Em outros dois casos a decoração, à base de puncionamentos subtriangulares oblíquos, justapostos e alternados (Fig. 4 - 3, 15), resulta num efeito pouco comum no mundo estilístico subjacente a este acervo cerâmico de Vilar Maior.

Os puncionamentos simples foram privilegiados nas superfícies interiores, na ornamentação dos bordos junto aos lábios, desenhando motivos verticais (Fig. 5 - 35), subtriangulares (Fig. 4 - 1), em “V” (Fig. 4 - 7, 8, 10) e reticulados (Fig. 5 - 25). A presença de motivos em “meia-lua” obtidos com matriz de ponta seccionada de uma cana é uma outra nota a sublinhar no âmbito da assinalável riqueza decorativa do conjunto das produções cerâmicas de Vilar Maior.

Uma última referência ainda para a relevância que deve ser dada às chamadas “linhas cosidas”, aqui executadas com puncionamentos verticais interceptados perpendicularmente com linhas incisadas, ocorrendo preferencialmente junto aos lábios e na superfície interna dos recipientes (Fig. 4 - 16; Fig. 5 - 23, 25, 26).

A procura e registo de paralelos para o acervo ceramológico de Vilar Maior ultrapassa os objectivos imediatos deste estudo e traduzir-se-ia, neste momento, numa listagem de referências cujo interesse implicaria comentários acompanhados, os quais se reservam para posterior estudo.

A pequena amostragem que analisamos revela, no

seu conjunto, um universo cerâmico particularmente rico nos seus mais diversos parâmetros, desde as técnicas de fabrico, com pastas e tratamentos de superfície variáveis, às formas, estas em número reduzido e insuficientemente conhecidas pela elevada fragmentação, e, sobretudo, às técnicas e motivos decorativos. São estas e estes que, em particular, aportam melhor e mais segura informação passível de reivindicarmos um lugar de destaque para Vilar Maior no conjunto dos sítios com cerâmica de âmbito Cogotas I, em particular no território português e muito especificamente na Beira Interior (Fig. 2).

De um ponto de vista cronológico, e não obstante os constrangimentos decorrentes das condições dos contextos de proveniência destes materiais, e em que a inexistência de datações absolutas não pode ser esquecida, as características estilísticas a nível das técnicas decorativas e dos próprios motivos permitem inscrevê-los nos derradeiros momentos daquele mundo. Com efeito, a presença de técnicas e motivos como o boquique, as “linhas cosidas”, a excisão, os ziguezagues, as grinaldas, os ponteados, a alternância de áreas decoradas e outras lisas e até um certo “barroquismo” estilístico de alguns exemplares apontam para o período que, a seu tempo, foi denominado como “Plenitude de Cogotas I” (Delibes de Castro et al. 1990). Em alternativa, é admissível estabelecer-se distinção entre aquele período e um subsequente, o de “Cogotas I Avançado” (Fernández-Posse 1986-1987), mas este faseamento pressupõe “entidades” nem sempre perceptíveis de modo distinto e seguro entre as evidências empíricas. Com efeito, a definição da evolução cronológica de Cogotas I é um assunto problemático, ainda em aberto, como recentemente foi comentado (v.g. Blanco González 2014).

Sendo certo que o potencial informativo deste conjunto cerâmico ficou longe de ter sido esgotado neste breve estudo, e terá de ser reapreciado, é inegável que abriu portas e deixou pistas a uma necessária renovação do nosso olhar sobre a natureza das cerâmicas manipuladas pelas comunidades que habitaram a Beira Interior entre o II e os inícios do I milénio a. C. e das relações que estabeleceram com vizinhos.

Nessa reapreciação, também os campaniformes do grupo de Ciempozuelos, mesmo de cronologia anterior, não deverão ser ignorados por possuírem, na gramática e técnicas decorativas, alguns aspectos similares aos que encontramos em certas cerâmicas de Vilar Maior.

## 6. Notas finais

O conjunto de intervenções arqueológicas permitiu confirmar o inegável potencial da povoação de Vilar Maior no contexto da Proto-história do Alto Côa. Da análise da dispersão de materiais pelo relevo, nomeadamente dos que se inseriam em níveis estratigráficos selados, verifica-se a definição de uma mancha que pode alcançar os 4,5 hectares. Trata-se, não obstante ser mera estimativa, de uma área credível, embora considerável, para a ocupação primeva do lugar. Essa ocupação poderia estender-se desde o cume, onde se encontra o castelo, até à base do relevo, correspondendo a plataforma onde actualmente se encontra a igreja matriz a um dos locais privilegiados atendendo à maior densidade de achados aí verificada, sendo também esses os de melhor qualidade. É possível pensar, como hipótese, que a cumeada assumiria um papel distinto em termos funcionais e simbólicos, atendendo ao achado da espada e à existência da gravura.

A forma como essa ocupação se terá desenvolvido ao longo do I milénio a.C., conquistando mais espaço ou, pelo contrário, retraindo a área ocupada, é um problema para o qual as bases empíricas ainda não deram resposta.

A importância da ocupação de Vilar Maior na Idade do Bronze, patente em diversos testemunhos materiais, e a presença tão expressiva de cerâmicas estilisticamente vinculadas à Meseta norte numa região periférica a essa “área nuclear”, não se esgota nas problemáticas e significados sociais e simbólicos subjacentes à distribuição espacial dessa mesma categoria de cerâmicas.

Neste caso, não podemos esquecer nem a especificidade do local em termos de implantação, nem as associações artefactuais aí existentes.

Trata-se de um povoado de altura com controlo do espaço circundante, aparentemente estável em termos

ocupacionais, vindo reforçar essa diversidade na natureza dos contextos de achado deste tipo de cerâmicas que, como se sabe, ocorre igualmente em abrigos e sobretudo em fossas privilegiando áreas aplanadas e sedimentares. No quadro regional beirão, em particular na área planáltica, a ausência de conhecimento sobre estas últimas poderá dever-se justamente às lacunas de conhecimento e não tanto à real inexistência desse tipo de ocupação do espaço.

Por outro lado, assume especial significado a associação das cerâmicas de Vilar Maior a um legítimo representante da metalurgia dita “atlântica” consubstanciado na conhecida espada. As correlações entre essas duas “faces culturais”, uma de inegável cariz internacional, a outra de marcado indigenismo testemunhado pelas cerâmicas, se bem que de escala com alcance peninsular, recolocam a problemática da existência de uma “metalurgia de Cogotas I” diferenciada de outras produções metálicas vinculadas ao “Bronze Atlântico”, aspecto que tem merecido análises de grande interesse (v.g. Delibes de Castro *et al.* 2001; Delibes de Castro *et al.* 2007; Fernández Manzano & Herrán Martínez 2012) e que merecem ser continuadas e aprofundadas.

Passando para uma outra escala, na área mais ocidental da Península Ibérica, correspondente ao território português, onde a presença cultural atlântica se faz sentir de modo particular, a ocorrência de cerâmicas estilisticamente vinculadas ao mundo de Cogotas I revela-se de forma bastante diluída e desigual, do Norte ao Sul, mas em regra sempre assinalada por um número de exemplares muito, ou muitíssimo residual, por estação. Achados recentes, como os de Santarém (Arruda & Sousa 2015: fig. 9) ou os da Foz do Medal, Vale do Sabor (Gaspar *et al.* 2014: 63), por exemplo, dão continuidade a esse mesmo tipo de registo residual.

Na Beira Interior é também esta a situação e Vilar Maior não deixa de ser excepção, pois não podemos esquecer que o número de fragmentos registado é diminuto no conjunto global dos respectivos contextos. Mas a problemática das cerâmicas de tipo Cogotas I nesta região (Fig. 2) é ainda de índole diacrónica, apesar de certos casos estarem bem contextualizados.

De facto, a maioria dos registos, muitos de superfície, carece de maior afinação cronológica, nomeadamente na destriça e articulação entre as cerâmicas de tipo Cogotas I e de tipo Proto-Cogotas. A “simplicidade” da técnica e a “monotonia” dos motivos “em espiga” que caracterizam estas últimas podem ter-se traduzido, por vezes, em perdurações estilísticas, conforme é sabido e também foi já recordado (Vilaça 2005: 15).

Por outro lado, tratando-se de área vizinha ao “epicentro” das produções, é natural que o número de ocorrências na Beira Interior tenda a aumentar, mas certamente de forma episódica, o que proporcionaria a esta região, de todo o modo e de acordo com a terminologia adoptada por Abarquero Moras (2005: 105 e segs.), cada vez mais o estatuto de “território de contacto” e não tanto de “região periférica”.

Mas a verdade é que nunca tinha sido registado um conjunto cerâmico de tão forte expressividade como o que encontramos em Vilar Maior, fazendo jus, por outro lado, ao epíteto de uma “Beira Mesetenha” sugerido para esta região do Planalto da Guarda (Vilaça 2010: 171). Sublinhe-se que essa qualificação remete para as especificidades beirãs, não devendo ser aqui entendida como sinónimo de um qualquer processo de “cogotização”.

São vários os modelos que poderemos entrever como hipóteses explicativas dos contactos desenvolvidos entre a Beira Interior e a Meseta responsáveis pela circulação material, ou mais conceptual, desta categoria de cerâmicas. Abarquero Moras (2012: 92) elenca-os e comenta-os, sendo que qualquer um deveria apoiar-se em redes, lineares ou radiais, ou, mais provavelmente, articulando e cruzando ambas.

Importadas, imitadas ou reinterpretadas a partir de modelos originais, as cerâmicas de âmbito Cogotas I de Vilar Maior trazem um novo pretexto para repensar a pertinência de avaliação de determinados mecanismos de contacto como a troca / aquisição de bens, de técnicas, de ideias, de gostos, a emulação de objectos e de comportamentos, a movimentação de homens e de mulheres, a realização de novas experiências e viagens, neste caso, entre duas regiões que a fronteira política de hoje divide.

## Agradecimentos

Este trabalho contou com a colaboração de Raquel Fernandes, autora dos desenhos dos materiais cerâmicos.

## Bibliografia

ABARQUERO MORAS, F. J. (2005) - *Cogotas I. La difusión de un tipo cerámico durante la Edad del Bronce*, Monografías en Castilla y León 4.

ABARQUERO MORAS, F. J. (2012) – Cogotas I más allá del territorio nuclear. Viajes, bodas, banquetes y regalos en la edad del bronce peninsular. In Rodríguez Marcos & Fernández Manzano (eds.), *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, p. 59-110.

ARRUDA, A. M. & SOUSA, E. (2015) – Late Bronze Age in Alcáçova de Santarém (Portugal), *Trabajos de Prehistoria*, 72 (1), p. 176-187.

BLANCO GONZÁLEZ, A. (2014) – Sitios de altura y vacijas rotas: reconsiderando la etapa de ‘plenitud’ de Cogotas I (1450-1150 cal A C) en la Meseta, *Trabajos de Prehistoria*, 71 (2), p. 305-329.

BRANDHERM, D. (2007) – *Las Espadas del Bronce Final en la Península Ibérica y Baleares*, Prähistorische Bronzefunde, Abteilung IV, 16. Band, Franz Steiner Verlag Stuttgart.

COFFYN, A. (1985) - *Le Bronze Final Atlantique dans la Péninsule Ibérique*. Diffusion de Boccard. Publ. Centre Pierre Paris 11. Col. Maison Pays Ibériques 20. Paris.

CONSTANTIN, C. (2003) – À propos des décors des céramiques protohistoriques incrustés de pâtes colorées, *Bulletin de la Société Préhistorique Française*, 100 (1), p. 135-139.

CORREIA, J. M. (1946) – *Terras de Riba Côa. Memórias sobre o concelho do Sabugal*, Câmara Municipal do Sabugal.

DELIBES DE CASTRO, G. FERNÁNDEZ MANZANO, J.; ROMERO CARNICERO, F.; HERRÁN MARTÍNEZ J.; RAMÍREZ RAMÍREZ, M. L. (2001) – Metal production at the end of the Late Bronze Age in the Central Iberian Peninsula, *Journal of Iberian Archaeology*, 3, ADECAP, Porto, p. 73-95.

DELIBES DE CASTRO, G.; FERNÁNDEZ MANZANO, J. & HERRÁN MARTÍNEZ, J. I. (2007) – Los bronce de Valdevimbre y la metalurgia Cogotas I. In *El hallazgo leonés de Valdevimbre y los depósitos del bronce final atlántico en la Península Ibérica*, Junta de Castillo y León, Museos. Estudios y Catálogos 17, p. 107-131.

FERNÁNDEZ MANZANO, J. & HERRÁN MARTÍNEZ, J. I. (2012) – La metalurgia de Cogotas I. In Rodríguez Marcos & Fernández Manzano (eds.), *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, p. 39-57.

FERNÁNDEZ-POSSE, M<sup>a</sup> D. (1980) - *El final de la Edad del Bronce en la Meseta Norte: La Cultura de Cogotas I*, Granada (tese de doutoramento policopiada).

- FERNÁNDEZ-POSSE, M<sup>a</sup> D. (1986-1987) – La cerámica decorada de Cogotas I, *Zephyrus*, XXXIX-XL, p. 231-237.
- GASPAR, R., CARRONDO, J., NOBRE, L., RODRIGUES, Z., DONOSO, G. (2014) – Espaço para a morte. O terraço da Foz do Medal (Vale do Sabor, Nordeste de Portugal) durante a Idade do Bronze, *Estudos do Quaternário*, 10, APEQ, Braga, p. 59-72.
- GONÇALVES, F. & ASSUNÇÃO, C. (1966) – Notícia explicativa da folha 18-D da *Carta Geológica de Portugal 1/50000* (Nave de Haver), Lisboa: Serviços Geológicos de Portugal, p. 13.
- GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, M<sup>a</sup> L. (coord.) (2009) – “*El Pelambre*”, *Villaornate, León. El horizonte Cogotas I de la Edad del Bronce y el período tardoantiguo en el vale medio del Esla*, Grupo Tragsa.
- MARQUES, C. (1936) – A bacia hidrográfica do Côa, *Biblos*, 12, Coimbra, p. 409-410.
- MARTÍN GIL, J. & MARTÍN GIL, F. J. (2009) – Caracterización de una pasta blanca de relleno en las decoraciones cerámicas de la edad del bronce de “El Pelambre”. In González Fernández (coord.), “*El Pelambre*”, *Villaornate, León. El horizonte Cogotas I de la Edad del Bronce y el período tardoantiguo en el vale medio del Esla*, p. 193-195.
- NUNES, J. C. & RODRIGUES, A. V. (1957) – Dos nuevas espadas del Bronce Final de Portugal, *Zephyrus*, 8 (2), Salamanca, p. 279-285.
- ODRIOZOLA, C.; HURTADO, V.; GUERRA DOCE, E.; CRUZ-AUÑÓN & DELIBES DE CASTRO, G. (2012) – Los rellenos de pasta blanca en cerámicas campaniformes y su utilización en la definición de límites sociales, *Estudios Arqueológicos de Oeiras*, 19, p. 143-154.
- OSÓRIO, M. (1997) – *Relatório dos trabalhos arqueológicos nos Paços de Vilar Maior*, IGESPAR.
- OSÓRIO, M. & PERNADAS, P. (2011) – Gravura rupestre em rochedo defronte do castelo de Vilar Maior, *Sabucale*, 3, Sabugal, p. 25-34.
- PONTE, S. (2014) – Um núcleo diverso de fibulas do concelho do Sabugal (Região do Alto Côa), *Sabucale*, 3, Sabugal, p. 7-21.
- RODRIGUES, A. V. (1961) – Contributo para o estudo da Idade do Bronze em Portugal. Prospecções na região de Riba Côa, *Beira Alta*, 2<sup>a</sup> série, 20 (1), Viseu, p. 3-13.
- RODRÍGUEZ MARCOS, J. A. & FERNÁNDEZ MANZANO, J. (eds.) (2012) - *Cogotas I. Una cultura de la Edad del Bronce en la Península Ibérica*, Universidade de Valladolid.
- SANTOS, A. T. (2008) – O Sabugal no contexto da Pré-história da Beira Interior. *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal do Sabugal, p. 11-25.
- SANTOS, A. T. (2011) – Arte rupestre na Travessa das Escadas em Vilar Maior (Sabugal, Guarda), *Sabucale*, 3, Sabugal, p. 9-24.
- VILAÇA, R. (1995) – *Aspectos do povoamento da Beira Interior (Centro e Sul) nos finais da Idade do Bronze*, Lisboa: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico (Trabalhos de Arqueologia 9).
- VILAÇA, R. (2005) - Entre Douro e Tejo, por terras do interior: o I milénio a. C. In *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia [Actas das 2.ªs Jornadas do Património da Beira Interior]*, Centro de Estudos Ibéricos, Guarda, p. 13-32.
- VILAÇA, R. (2008) – A Proto-história no Museu do Sabugal. *Museu do Sabugal: Coleção Arqueológica*, Sabugal: Pró-Raia e Câmara Municipal do Sabugal, p. 39-51.
- VILAÇA, R. (2010) – Da Idade do Bronze à Romanização no Centro Interior: espaços, territórios e sociedades, *Materiaes*, número especial, Castelo Branco, p. 149-176.

